

Trajatória da educação jesuítica no Brasil

Pe. Luiz Fernando Klein, S.J.

Introdução

O presente trabalho ¹ procura destacar as etapas principais da trajetória percorrida pelos jesuítas no Brasil no campo da educação, desde a sua chegada ao país até os dias de hoje. Para isso, tratou-se de recorrer a algumas fontes bibliográficas produzidas por jesuítas historiadores e por outros estudiosos e pesquisadores, dentre as quais se destaca a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, em 10 volumes, do jesuíta português Pe. Serafim Leite, publicada entre 1938 e 1950.

Três etapas serão consideradas nesta apresentação: 1ª.) Da chegada dos jesuítas até a sua expulsão; 2ª.) A retomada educacional a partir da restauração e 3ª.) A missão educativa nos dias de hoje.

1ª. Fase: Da chegada dos jesuítas até a sua expulsão

O primeiro desembarque

No dia 29 de março de 1549, ao desembarcar da numerosa expedição do 1º. Governador Geral, Tomé de Sousa, no Arraial do Pereira, na Bahia de Todos os Santos, os seis jesuítas, liderados pelo Pe. Manuel da Nóbrega tornaram-se o primeiro grupo da nascente Companhia de Jesus que chegava às Américas ².

O grupo trazia a missão de difundir o Evangelho nas novas terras e catequisar os indígenas para a fé católica. Essa missão fora-lhes incumbida pelo Superior Provincial Jesuíta de Portugal, Pe. Simão Rodrigues, e, por força do regime do Padroado ³, também pelo Rei Dom João III. Este era admirador dos primeiros resultados educativos que os jesuítas estavam realizando no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, e na recém-criada Universidade de Coimbra, onde haviam se formado os jesuítas que mais se destacaram no apostolado realizado no Brasil. Nas instruções enviadas a 17 de dezembro de 1548 a Tomé de Sousa o rei explicava a dimensão religiosa que deveria nortear a expedição ⁴.

1 Esta apresentação foi feita no *Ciclo de Debates 2016* promovido dia 21/05/2016 pelo *Pateo do Collegio*, em São Paulo, sob o título *A Pedagogia Jesuítica*.

2 Eram os PP. Antonio Pires, João de Azpilcueta, Leonardo Nunes e Manuel da Nóbrega, e dois noviços: Diogo Jácome e Vicente Rodrigues.

3 O Padroado era um contrato estabelecido no século XV entre a Santa Sé e a Coroa Portuguesa, que durou até o Concílio Vaticano II. O Papa, através de diversas bulas, conferia ao rei o papel de protetor da Igreja nos domínios portugueses, com alguns direitos, como o de construir igrejas, criar dioceses, nomear padres e bispos.

4 *A principal coisa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil foi para que a gente dela se convertesse à nossa Santa Fé Católica vos encomendo muito que pratiqueis com os ditos capitães e oficiais a melhor maneira que para isso se pode ter e de minha parte lhes direis que lhes agradecerei muito terem especial*

No contexto do século XVI não era de estranhar essa missão, pois vigorava à época a concepção de sociedade de cristandade que não tolerava que nenhum povo ou grupo humano vivesse sem o conhecimento de Deus e a obediência aos seus mandamentos. Por isso, todos os esforços eram justificados – mesmo a imposição da fé pela força – a fim de direcionar para a religião cristã os que estivessem fora dela, como condição de salvação. Além disso, a metrópole apostava na evangelização dos indígenas como fator para favorecer o processo de colonização do Brasil.

Estratégias educativas

Aos 15 dias do primeiro desembarque, na Bahia, enquanto os portugueses iam construindo a cidade de Salvador, ao lado do Arraial do Pereira, os jesuítas colocavam em funcionamento a primeira instituição educativa em solo brasileiro, que construíram *por suas mãos, indo ao mato buscar a madeira e fazendo as taipas*. Era uma escola elementar de *ler, escrever, contar e cantar*, dirigida pelo estudante jesuíta Vicente Rodrigues, de 21 anos de idade, o primeiro mestre-escola do Brasil ⁵. O Pe. Nóbrega entusiasmou-se tanto com essa iniciativa que na primeira carta ao Provincial, em Portugal, dizia que *esta terra é nossa empresa* ⁶.

Os jesuítas entendiam a sua missão evangelizadora numa dupla dimensão, de catequese e instrução, que se alternavam e reforçavam no currículo escolar. Considerando muito difícil arrancar os índios adultos de costumes inveterados como a poligamia, o alcoolismo e a antropofagia, desde cedo os jesuítas concentraram os seus esforços educativos no segmento das crianças: curumins, mestiços ou mamelucos, e filhos dos portugueses adventícios ⁷. A estratégia

cuidado de os provocar a serem cristãos e para eles mais folgarem de o ser tratem bem todos os que forem de paz e os favoreçam sempre e não consintam que lhes seja feito opressão nem agravo algum e fazendo-se-lhe lho faça corrigir e emendar de maneira que fiquem satisfeitos e as pessoas que lhos fizerem sejam castigadas como for justiça (A Primeira Constituição do Brasil – O Regimento de Dom João III entregue a Tomé de Sousa, n.24. In: *Guia Geográfico História do Brasil*. Disponível em: <<http://www.historia-brasil.com/colonia/constituicao-1548.htm>> Acesso em 15 abr. 2016.

⁵ Vicente Rijo: o primeiro mestre do Brasil. In: MATTOS, Luiz Alves de, *Primórdios da Educação no Brasil*, Rio de Janeiro: Aurora, 1958. p. 159-181.

⁶ LEITE, Serafim, *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil. 1549-1760*. Braga: Apostolado da Imprensa, s/d. p. 3.

⁷ Assim relata o Pe. Azpilcueta Navarro: *Quando cheguei disseram-me que tinham acabado de matar uma menina e mostraram-me a casa: entrei e descobri que estavam cozinhando o corpo dela, vendo-se a cabeça pendurada de uma trave. Eu comecei a repreendê-los e a execrar aquela ação tão abominável e contra a natureza. Um deles respondeu que seu eu continuasse a falar naquele tom acabariam fazendo o mesmo com todos nós. Eventualmente ficamos amigos e deram-nos comida. Depois disso, fui a outras casas e vi pés humanos, mãos e cabeças sendo defumados. Repreendemos também todos esses e pedimos que abominassem ações tão horrendas. Disseram-nos, mais tarde, que todos eles*

escolhida era chegar a influenciar os adultos através dos pequenos, que aprendiam a rejeitar os maus costumes e até a admoestar os pais que os mantinham ⁸.

Para incrementar a catequese e a instrução, ocorreu aos jesuítas trazer do *Colégio dos Meninos Órfãos* de Lisboa, que o jesuíta Pe. Pero Doménech fundara em 1549, alguns para o Brasil, para virem se relacionar com as crianças indígenas e mestiças. A primeira leva, de sete crianças, chegou à Bahia em março de 1550, com o segundo grupo de jesuítas, integrado pelos PP. Afonso Brás, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Salvador Rodrigues. O grupo seguinte de meninos órfãos veio no terceiro desembarque dos jesuítas, que aconteceu a 13 de julho de 1553, com dois sacerdotes e quatro noviços, entre eles José de Anchieta.

Os meninos foram muito bem recebidos pelos moradores, e se entrosaram facilmente com os curumins, aprendendo deles o tupi e ensinando-lhes o português. O Pe. Nóbrega relatava a Portugal que *os meninos órfãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares atraem os filhos dos gentios e edificam muito os cristãos* ⁹. Da Bahia alguns meninos órfãos, por estarem alfabetizados e catequisados, foram levados em seguida para São Vicente e Vitória, como alunos modelo dos colégios que lá estavam sendo constituídos.

De início os jesuítas consideravam os indígenas como 'tabula rasa', ou 'papel branco', onde tudo poderia ser impresso através do ensino. O entendimento, porém, se dissipou frente à lentidão com que os ensinamentos cristãos eram absorvidos e transformavam a vida dos indígenas. Tal dificuldade evangelizadora, acrescida do nomadismo indígena, levou o Pe. Nóbrega a dar início ao seu aldeamento, a reunião de pequenas aldeias próximas, pois, desta forma, poderia ser mais fácil refrear a mobilidade dos indígenas, tê-los mais perto, acompanhar e assegurar a continuidade do processo catequético e a manutenção dos bons costumes ¹⁰. Rio Vermelho, nos arredores de Salvador, foi o

enterraram aquelas partes de carne humana e creio que, até certo ponto, se corrigiram daqueles maus costumes (ECHANIZ, Ignacio, *Paixão e Glória. História da Companhia de Jesus em corpo e alma*. Tomo I Primavera (1529-1581). S. Paulo: Loyola, 2006. p. 193).

⁸ O Pe. Serafim Leite registra um testemunho: *Quando algum destes nossos meninos sai fora, juntam-se mais de 200 meninos dos gentios e o abraçam e riem com ele, fazendo muita festa, e veem ali a casa dos meninos a aprender a doutrina, e depois vão-se a suas casas a comunicá-la e a ensiná-la a seus pais e irmãos; e os gentios já fizeram uma ermida lá dentro da terra, onde têm uma cruz, e os meninos índios ajuntam-se ali e fazem oração e ensinam aos outros a doutrina que os nossos meninos lhes ensinam; e como são novos, logo aprendem, de maneira que já os nosso meninos entendem coisas da sua língua* (LEITE, Serafim, Op. cit. p. 16).

⁹ NÓBREGA, Manuel de. Apud MATTOS, Luiz Alves de, Op. cit. p. 47.

¹⁰ Diz o Pe. Serafim Leite que *na dispersão em que viviam, embora um ou outro índio individualmente se convertesse, continuando ele a viver no seu ambiente gentio, não dava garantias de perseverança, e fora da assistência dos padres não se*

primeiro aldeamento promovido por Nóbrega, que a partir de então contou muito com o apoio do Governador Geral Mem de Sá. Era o prenúncio de aldeamentos mais complexos e de população numerosa, como o das *Reduções ou Missões Jesuíticas*, que os jesuítas espanhóis fundaram no sul do Brasil, a partir de 1682 até a sua expulsão, e também em diversos outros países ¹¹.

As primeiras escolas

Ao lado de cada residência, ao longo da faixa litorânea do Brasil, os jesuítas foram constituindo *escolas de ler e aprender*, ou *escolas de bê-a-bá*, para o ensinamento da religião católica e das primeiras letras, e os recolhimentos ou internatos, as 'casas de meninos' ¹². Além das escolas, os jesuítas no Brasil, a exemplo do que acontecia na Europa, também foram fundando colégios, com a finalidade primeira de formar quadros para a Companhia de Jesus, mas com vagas para alunos externos. O primeiro colégio jesuíta no Brasil foi o *Colégio dos Meninos de Jesus*, fundado em 1550, em Salvador, que se tornou modelo para os subsequentes. Na mesma ocasião, o Pe. Leonardo Nunes começava em São Vicente um colégio homônimo e similar ao da Bahia. Como a quase totalidade dos 100 alunos deste colégio provinha do planalto de Piratininga, o Pe. Nóbrega houve por bem transferi-lo para lá, reinaugurando-o com o nome de *Colégio de São Paulo*, por ter sido na festa litúrgica do seu patrono, em 1554. Esperava-se, com essa medida, facilitar o sustento dos alunos pelos seus pais. Em 1552 fundou-se o *Colégio de São Tiago*, em Vitória; em 1554, o de Olinda, e em 1567 o do Rio de Janeiro.

Para assegurar a manutenção das instituições de ensino que estabeleciam, os PP. Nóbrega e Leonardo Nunes logo tiveram a ideia de criar, junto aos Colégios da Bahia, de São Vicente e do Espírito Santo as *Confrarias dos Meninos de Jesus*. Eram entidades jurídicas com base patrimonial, cuja administração se confiava a seculares, para desvinculá-las da Companhia. Tal configuração inspirava confiança,

educariam cristãmente os filhos. A esta conclusão chegou Nóbrega, em 1552, e tratou de a por em prática nas aldeias que ia fundando, incluindo a de Piratininga, no ano seguinte (Id. Ibidem).

¹¹ A partir de 1682 os jesuítas espanhóis começaram a promover aldeamentos, reduções ou missões entre os indígenas. No sul do Brasil, no atual Estado do Rio Grande do Sul, havia sete agrupamentos - Santo Ângelo, São Borja, São João, São Lourenço, São Luís Gonzaga, São Miguel e São Nicolau - cujo grupo ficou denominado *Sete Povos das Missões*. Como em cada missão havia apenas dois jesuítas para servir cerca de três a quatro mil indígenas, as escolas tiveram que ser extremamente seletivas, reduzindo-se à formação dos filhos das autoridades locais.

¹² MATTOS lembra que *a política educacional de Nóbrega consistia em fundar grandes recolhimentos, como os da Bahia e São Vicente, nos quais se educassem os mamelucos, os órfãos e os filhos dos principais da terra, para iniciá-los na fé católica e na vida civilizada. Na impossibilidade de juntar nos recolhimentos todos os curumins indígenas, aceitavam-se apenas os filhos dos principais caciques (MATTOS, Op. cit. p. 84).*

atraindo mais facilmente doações de particulares, como das famílias dos alunos ¹³. O Pe. Laércio Dias de Moura explica que *a distinção entre escola e colégio é importante no trabalho educacional dos jesuítas. O título de 'colégio' foi desde cedo reservado para designar uma instituição devidamente fundada do ponto de vista monetário e dotada de uma abrangência mais vasta do ponto de vista educacional* ¹⁴.

À medida que o número de escravos aumentava nas fazendas jesuítas, escolas de ler e aprender foram sendo erigidas aí também, para educar as crianças negras.

Quando surgiram as escolas de ler e aprender as crianças que as frequentavam viviam em recolhimentos, junto à residência dos jesuítas, conforme havia ordenado o rei Dom João III no Regimento de 1548 a Tomé de Sousa. Mas quando as Constituições da Ordem começaram a ser promulgadas no Brasil, em 1556, os alunos foram obrigados a voltar para as suas famílias. Uma das razões principais para tal medida era o voto de pobreza dos jesuítas que não permitia que as suas residências, onde viviam os alunos, se mantivessem com rendas, uma vez que deveriam depender de esmolas. Como os colégios não estavam sujeitos a essa norma, rapidamente foram crescendo em número. As escolas transformaram-se em externatos e os internatos só reapareceram em 1686, quando o Pe. Alexandre de Gusmão fundou o *Seminário de Belém da Cachoeira*, na Bahia. Os seminários eram escolas elementares e só no século XVIII passaram a se dedicar à formação dos sacerdotes.

Método pedagógico

Naquela metade do século XVI os jesuítas não dispunham de um referencial normativo para o seu trabalho educativo, pois a estruturação do sistema escolar ainda se encontrava em gestação no mundo renascentista. Os jesuítas se pautavam pela *fonte mais inspiradora para a pedagogia Jesuítica, os Exercícios Espirituais*, elaborados por Santo Inácio de Loyola e que o Papa Paulo III havia aprovado em 1548 ¹⁵. É a primeira escola pedagógica jesuítica, da qual todos os jesuítas ainda hoje participam na forma completa de 30 dias, no início e no final da sua formação, e depois, anualmente, durante oito dias. Para o desempenho da sua missão os jesuítas contavam, também, com as

¹³ MATTOS relata que *a Confraria dos Meninos de Jesus de São Vicente tornou-se uma das mais prósperas instituições da capitania; possuía como fundo patrimonial um amplo sítio na própria vila de São Vicente... e uma grande sesmaria em Peruíbe... Possuía também escravos, dez vacas e outras coisas* (MATTOS, Op. cit. p. 65).

¹⁴ MOURA, Laércio Dias de. *A educação católica no Brasil. Passado, presente e futuro*. Brasília: ANAMEC, S. Paulo: Loyola, 2000. p. 28.

¹⁵ KLEIN, Luiz Fernando, Atualidade da Pedagogia Jesuítica. In: Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana. Disponível em: <<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1580>> p. 26. Acesso em 01 maio 2016.

orientações dos Padres Visitadores, nomeados pelo Superior Geral, por um período determinado, com autoridade maior que a do Provincial.

Com a promulgação das *Constituições da Companhia de Jesus*, elaboradas por Santo Inácio de Loyola, os jesuítas puderam contar com o primeiro código educativo, expresso na Parte IV. O texto, com 17 capítulos, trata da educação e das instituições educativas e *dirige-se aos jesuítas formados e em formação, buscando capacitá-los para o trabalho docente no intuito apostólico que a Ordem propunha realizar*¹⁶. A partir de 1586 os jesuítas puderam ter acesso à versão preliminar do código pedagógico da Ordem, a *Ratio Studiorum*, que começava a circular. A versão definitiva do documento só foi promulgada a 8 de janeiro de 1599, 50 anos depois do desembarque dos jesuítas no Brasil, mas nunca pôde ser estritamente aplicada, pois as condições culturais e climáticas do país e de recursos humanos exigiam adaptações de calendário, horário e de metodologia.

Os colégios jesuítas eram classificados segundo o nível de estudos. Os Cursos Inferiores eram as escolas elementares de ler e aprender, como uma extensão da catequese, onde se ofereciam a doutrina cristã, conhecimentos elementares e, para os alunos mais dotados, iniciação musical. A etapa seguinte era o Curso Médio, que oferecia Gramática, Humanidades e Retórica para os alunos que haviam se destacado intelectualmente na fase anterior, alguns dos quais eram enviados depois à Universidade de Coimbra ou da Espanha, para realizar os estudos superiores. A maioria dos alunos do Curso Médio era direcionada para o aprendizado profissional e agrícola, que teve início no Colégio de São Vicente. O Ciclo Superior era integrado pelas Faculdades de Filosofia e Teologia, criadas pela primeira vez no Brasil, em Salvador da Bahia, em 1572. A Filosofia abrangia Lógica, Física, Metafísica, Ética, Matemática e Ciências Naturais. A Teologia abarcava a Teologia Especulativa, com o estudo dos dogmas e a Teologia Moral, com a reflexão sobre casos de consciência. Os textos para estudo eram solicitados a Portugal. O Pe. Antonio Vieira foi o autor do primeiro tratado filosófico escrito no Brasil.

O método pedagógico buscava o equilíbrio das potencialidades do ser humano. Grande destaque era dado ao estudo do latim, como base da cultura geral. Nesse idioma os alunos deviam se comunicar durante o dia, exceto nos tempos de recreio e feriados, e escrever os textos mais importantes. Não se estudava grego, como nos colégios jesuítas da Europa, mas, segundo o Pe. Serafim Leite, estudava-se o 'grego da terra', que era o idioma tupi¹⁷.

¹⁶ KLEIN, Luiz Fernando, *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*, Op. cit. Disponível em: <<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1580>> p. 28. Acesso em 01 maio 2016.

¹⁷ LEITE, Serafim. Op. cit.

O ensino era dinâmico, com diálogos (perguntas e respostas), cantos, disputas e desafios semanais, exercícios de memória e de repetição. O material didático constava de catecismos, gramáticas e vocabulários que o rei enviava de Portugal. As crianças indígenas demonstravam sensibilidade e apreço pela música, pelo canto, pela dança, pelo teatro, recursos pedagógicos logo introduzidos pelos jesuítas na catequese e na instrução.

O horário escolar conjugava momentos catequéticos na igreja e de estudo na escola. A sua intensidade era proposital, pois convinha deixar as crianças o mínimo de tempo com os pais, a fim de não aprenderem os seus maus costumes. A programação diária constava de duas a duas horas e meia de estudo de manhã e outras tantas à tarde. O calendário escolar previa um descanso semanal, as quartas ou quintas-feiras, quando se organizavam passeios e excursões. As férias ocorriam em dezembro e janeiro, mas as crianças passavam poucos dias com os pais, para evitar perder, no contato com os adultos, os costumes sadios que iam assimilando na escola. O calendário interrompia também na Páscoa, com férias de 15 dias, e em feriados religiosos.

Por proibição do governo português os jesuítas não puderam se dedicar à educação das meninas, como desejavam e o povo solicitava. Na verdade, a educação para o sexo feminino não era considerada no mundo de então, delimitando-se ao aprendizado de boas maneiras e prendas domésticas.

Aculturação

Embora considerassem as crianças maleáveis como 'papel' ou 'cera branca', os jesuítas sempre trataram de adaptar o processo educativo às circunstâncias de tempo, lugar e pessoa, como preconizam os Exercícios Espirituais e a Parte IV das Constituições. Contribuiu muito para essa opção metodológica o trabalho do Pe. Nóbrega, de 1556, *Diálogo sobre a conversão do gentio*, no qual defendia que os índios não eram essencialmente maus, mas capazes de se converter, porque são seres humanos e na realidade se converteram como atestavam diversos exemplos. Para tanto, era necessário proporcionar aos nativos ambiente, acolhida e experiências concretas de promoção humana. Por conseguinte, os jesuítas se esforçaram por conhecer a realidade de vida dos indígenas e a adaptar-se a eles, no que fosse possível¹⁸.

As dinâmicas pedagógicas dos jesuítas tratavam de integrar entre si os meninos órfãos de Lisboa, os filhos de portugueses, os mestiços e indígenas. Essa atitude de aculturação suscitou a reação do bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha em relação aos jesuítas, pois ele sustentava

¹⁸ Nóbrega escrevia em abril de 1549: *Temos determinado ir viver com as aldeias como estivermos assentados e seguros e aprender com eles a língua, e os ir doutrinando pouco a pouco* (Apud: FERNANDES, Francisco Assis Martins, *Comunicação na pedagogia dos jesuítas na era colonial*. S. Paulo: Loyola, 1980. p. 71).

uma visão depreciativa dos indígenas, julgando-os ineptos para a catequese. O seu parecer considerava inconveniente alguns costumes, como as crianças brancas cantarem ou usarem instrumentos musicais dos curumins ou até cortarem o cabelo como eles ¹⁹.

Disciplina escolar

A disciplina escolar era bastante exigente em vista do fim pretendido, a capacitação de homens para o melhor desempenho futuro na sociedade. Os jesuítas atenuaram a aplicação de castigos, preferindo mostrar aos alunos o fundamento moral das ações, sugerir a emulação dos bem comportados e a premiação dos mais dedicados. Para os estudantes indisciplinados as orientações da Ordem prescreviam açoites para os menores, palmatória para os médios e admoestações, em particular ou em público, para os maiores. Mas como as Constituições dos Jesuítas proibiam que estes tocassem os alunos, um 'corretor' era contratado, incumbindo-se de aplicar os açoites. Em casos extremos de indisciplina, os pais eram persuadidos a tirar seus filhos da escola. Como os índios adultos eram débeis e complacentes com os seus filhos, agradeciam o tratamento equilibrado que os jesuítas lhes dispensavam ²⁰.

Anchieta, o principal educador

Dentre o corpo docente, a figura que se destaca é a do então estudante jesuíta José de Anchieta pela agilidade intelectual, pela criatividade pedagógica e flexibilidade diante dos costumes das crianças. Sabia português, latim e espanhol e logo aprendeu o tupi, escrevendo a primeira gramática e traduzindo o catecismo e outros textos para a catequese das crianças. Foi professor nos colégios de Salvador, de São Vicente e de São Paulo e diretor dos colégios do Rio de Janeiro e de Vitória. Nóbrega considerava Anchieta excelente secretário, tendo-lhe confiado a redação dos relatos sobre a missão que era preciso enviar periodicamente para o governo provincial jesuíta em Portugal.

O desempenho polivalente de Anchieta granjeou-lhe dos seus biógrafos diversos títulos, como educador do país, inaugurador da literatura, fundador do teatro, poeta, epistológrafo, etnólogo, indigenista, pacificador, cofundador da cidade de São Paulo. Com razão a Igreja Católica coloca, desde 2015, São José de Anchieta, como Padroeiro do Brasil, junto a Na. Sa. Aparecida.

Sustento da missão

Para impedir que os jesuítas se desviassem da missão principal da educação, tendo que deixar as aulas e sair mendigando de porta em

¹⁹ SANTOS, César Augusto dos, *O Colégio de Piratininga. A influência da espiritualidade inaciana na fundação da cidade de São Paulo*. S. Paulo: Loyola, 2007. p. 66.

²⁰ LEITE, Serafim. Op. cit. p. 54.

porta, a exemplo de Santo Inácio e seus primeiros companheiros ²¹, Dom João III havia determinado ao administrador na Bahia o pagamento de uma pensão mensal para roupa e comida de cada um deles. Contudo, um sem número de dificuldades protelava a execução da ordem real de modo que os jesuítas levavam um estilo de vida extremamente austero quanto ao comer, vestir e dormir. Cumpriam o seu voto de pobreza experimentando desconforto, frio e fome, superada às vezes pela generosidade dos índios que partilhavam com os padres um pouco da farinha e do peixe que pescavam ²².

A sustentabilidade das escolas e dos colégios constituiu-se em preocupação constante dos jesuítas. Elas eram mantidas com esmolas, donativos especiais, mão de obra dos próprios jesuítas e ajuda dos indígenas mais próximos. O prestígio das escolas de ler e escrever provocava o aumento do número de crianças, ameaçando a provisão de comida e agasalhos. Com relativa frequência os alunos tinham que deixar momentaneamente os estudos para prover a sua alimentação por meio da caça ou da pesca.

Por isso, o Pe. Nóbrega apelou ao Governador Geral, tendo sido agraciado, em 1550, por Tomé de Sousa, com a primeira doação de um lote de terra, a sesmaria *Água dos Meninos*, na Bahia. A partir de então, os jesuítas empregaram diversos meios para sustentar as escolas: criação de gado, cultivo da cana de açúcar, arrendamento de espaços ociosos, construção de engenhos. Como mão de obra, os jesuítas, não sem divergências entre eles, preferiram 'poupar' os indígenas e solicitar ao rei de Portugal o envio de escravos negros da Guiné.

Em 7 de novembro de 1564 o regente do Reino de Portugal, Cardeal Dom Henrique, instituiu a *redízima* que determinava para os colégios jesuítas no Brasil 10% de todos os impostos taxados nas capitanias. A princípio os beneficiários de tal medida eram três colégios denominados por isso 'Colégios Reais': o de Salvador, o do Rio de Janeiro e o de Olinda, pelo fato de se concentrarem na formação do clero. O decreto real passou a transmitir segurança e tranquilidade às comunidades educativas e estendeu o benefício para os demais colégios, escolas e residências dos jesuítas. Graças a isso, nos duzentos

²¹ *Para atrair a atenção e generosidade pública sobre a incipiente obra educativa, Nóbrega recorreu ao processo da venda simulada do Pe. Paiva, homem de virtude, a quem ele podia provar com confiança. Todos compreenderam o que se intentava, sem escândalo dos que presenciaram a edificante cena, um dos quais, o mais categorizado de todos, Tomé de Sousa, exaltará depois em Lisboa o modo que Nóbrega tinha com os próximos (LEITE, Serafim, Op. cit. p. 5).*

²² *Assim relatava Anchieta: Desde o mês de janeiro até agora, mais de vinte de nós estamos morando numa casa pobre e pequena que nos serve como escola, enfermaria, dormitório, sala de jantar, cozinha e despensa. O espaço que temos é tão pequeno que, algumas vezes, somos obrigados a sair para o ar livre a fim de dar aula de gramática para os estudantes jesuítas. Esta casa foi construída pelos próprios índios, mas agora nós mesmos, com alguma ajuda deles, vamos construir uma estrutura maior (ECHANIZ, Ignacio. Op. cit. p. 196).*

anos seguintes, os jesuítas puderam manter e incrementar o seu apostolado educativo. Em todos os colégios, como também nos seminários o ensino era gratuito, sendo que nos internatos os alunos aportavam uma contribuição. Em pouco tempo os jesuítas revelaram pendores administrativos, unindo austeridade e economia com ousadia e criatividade, mas também passaram a ser criticados como comerciantes que se distanciavam da evangelização e da sua profissão de pobreza.

A supressão da Companhia

A expulsão dos jesuítas de Portugal, Brasil e demais domínios, por decreto do Marquês de Pombal, a 3 de setembro de 1759, atingiu no país 590 jesuítas (sendo 316 sacerdotes), então registrados em duas circunscrições administrativas: a Província do Brasil e a Vice Província do Maranhão. Foram forçados a abandonar 17 colégios e 10 seminários que administravam em 12 municípios, desde Belém do Pará até Paranaguá, além de 55 missões entre os nativos, num total de 131 casas religiosas ²³.

A Companhia deixava uma rede educativa e um trabalho evangelizador de reconhecida organização e qualidade em todo o país. Afirmou Fernando de Azevedo que com a expulsão dos jesuítas *não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu sem que esta destruição fosse acompanhada de medidas imediatas bastante eficazes para lhe atenuar os efeitos ou reduzir a sua extensão* ²⁴.

Nos 210 anos em que trabalharam no país os jesuítas se dedicaram com ousadia, competência e perseverança ao trabalho evangelizador e civilizador das crianças indígenas, mestiças e negras, através de uma rede de instituições educativas gratuitas enquanto os portugueses concentravam sua atenção na extração de mercadorias a serem enviadas para a metrópole. Na época em que a educação popular ainda não era priorizada, os jesuítas, até a sua expulsão do país eram responsáveis pelo único sistema de ensino formal e público do país.

Com a retirada dos jesuítas, outras ordens religiosas que já missionavam no Brasil - beneditinos, carmelitas, franciscanos e mercedários - foram assumindo, em diferentes ocasiões, a direção dos colégios e escolas. As escolas de ler e aprender, cuja gestão não

²³ O decreto de supressão da Companhia de Jesus, assinado pelo Papa Clemente XIV a 21 de julho de 1773, atingiu no mundo 22.589 jesuítas, distribuídos em 49 Províncias, que sustentavam 669 colégios, 61 noviciados, 24 Casas Professas, 340 residências, 171 seminários, 1.542 igrejas e 271 missões (GREVE, Aristides. *Subsídios para a história da restauração da Companhia de Jesus no Brasil*. S. Paulo, s.n., 1942).

²⁴ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. S. Paulo: Melhoramentos, Tomo Segundo: A Cultura, 1958.

apresentava maior complexidade, foram assumidas por vigários e clérigos das diversas localidades.

A novidade que o Marquês de Pombal começou a implantar no Brasil após a expulsão dos jesuítas, eram as aulas régias, de disciplinas isoladas, ministradas por educadores nomeados, ou religiosos. Mas *não passou de um arremedo do ensino*, como descreve Maria Luiza Marcílio. *Cadeiras avulsas – que chamavam pomposamente de escolas -, com um professor único e sem preparo, sem casas apropriadas, sem mobiliário, sem material didático, sem livros, compunham o cenário de ler, escrever, contar e de recitações da doutrina cristã. As aulas régias (ou seja, o ensino primário) assim se mantiveram praticamente ao longo do século XIX e em todo o país* ²⁵. A pretensão pombalina, conforme explica o Pe. Laércio, caracterizava-se pela *descontinuidade, improvisação, amadorismo e falta absoluta de senso pedagógico* ²⁶.

2ª.) A retomada educacional a partir da restauração

Criação de novos colégios

Em 1841, 82 anos após a expulsão e restaurada há 27 anos, a Companhia de Jesus retornou ao Brasil, a partir de um pequeno grupo de jesuítas espanhóis que havia saído da Argentina e por pouco tempo passou pelo Uruguai e trabalhou no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, dirigindo-se para Desterro, hoje Florianópolis.

Em 19 de setembro de 1845 os jesuítas, cujo trabalho missionário estava sendo muito apreciado pela população de Desterro, abriram, a pedido das autoridades locais, o *Colégio dos Missionários*. No mesmo ano o colégio foi visitado e elogiado pelo Imperador Pedro II, que percorria a região ²⁷. O colégio foi fechado nove anos depois, quando a epidemia de febre amarela matou três alunos e seis dos doze jesuítas.

A seguir os jesuítas estabeleceram no ano de 1847, em Porto Alegre, uma *Escola de Gramática*. Em 1865 tornaram a fundar um colégio em Desterro, o *Colégio do Santíssimo Salvador*, que durou cinco anos porque o governo local rompeu o contrato que havia celebrado com os jesuítas da então Província Romana, mantenedora da obra.

Em 1867 foi criado em Recife o *Colégio São Francisco Xavier*, que durou sete anos. Nesse mesmo ano foi constituído o quarto colégio pela restaurada Companhia de Jesus, o *São Luís*, em Itu, que foi transferido para a cidade de São Paulo em 1918.

²⁵ MARCÍLIO, Maria Luiza, *História da escola em São Paulo e no Brasil*. S. Paulo: Imprensa Oficial, 2014. p. 83.

²⁶ MOURA, Laércio Dias de, *A Educação Católica no Brasil*. S. Paulo: Loyola, 2000. p. 71.

²⁷ Os primeiros jesuítas a reentrar no Brasil foram os PP. João Coris, José Sató e Manuel Berdugo, e os Irmãos Gabriel Fiol e José Saracco (MONDONI, Danilo. *Os expulsos voltaram*. S. Paulo: Loyola, 2015. p. 35).

Em 1870 os jesuítas da então Província da Galícia e da Província Germânica estabeleceram em São Leopoldo o *Ginásio Nossa Senhora da Conceição*, visando a formação de professores para as escolas da redondeza, fechado em 1912, para converter-se em Seminário Provincial. Nos 43 anos de existência foi o mais antigo colégio católico no Sul do Brasil. Em 1886, foi criado em Nova Friburgo o *Colégio Anchieta*, e em 1890 o seu homônimo, em Porto Alegre. Já no final do século XIX, em 1895, os jesuítas alemães fundaram o *Ginásio São Luís Gonzaga*, em Pelotas, cuja direção passou a ser assumida, em 1926, pelos Irmãos Lassalistas.

Os jesuítas começaram o século XX instituindo, em 1903, o *Ginásio do Sagrado Coração de Jesus*, na cidade do Rio Grande, no sul do país, fechado depois de 10 anos por carência de pessoal. No mesmo ano criou-se o *Colégio Santo Inácio*, no Rio de Janeiro, que nos anos 80, ao ultrapassar cinco mil alunos nos turnos matutino, vespertino e noturno, tornou-se o colégio mais numeroso da Companhia. Em 1905 deu-se nova fundação dos jesuítas em Florianópolis, a do atual *Colégio Catarinense*. Pouco depois os jesuítas portugueses, expulsos do seu país, fundaram, em 1911, dois colégios na Bahia, *Antonio Vieira*, em Salvador e, no ano seguinte, o *Instituto São Luís*, em Caetité, tendo-o deixado em 1926. Em 1917 nasceu em Recife o *Colégio Nóbrega*, que adquiriu muito prestígio no Nordeste, mas foi fechado em 2006, por problemas financeiros e administrativos. Em 1928 estabeleceu-se em São Paulo o *Colégio São Francisco Xavier*, para imigrantes japoneses. Em Minas Gerais começou em Belo Horizonte o *Colégio Loyola*, em 1943.

Ainda na metade do século XX foram fundados mais três colégios jesuítas no Brasil, o *Santo Inácio*, em 1955 em Fortaleza; em 1956, em Juiz de Fora o *Colégio dos Jesuítas*, que antes se chamou Colégio Nossa Senhora Imaculada e o *Colégio Nossa Senhora Medianeira*, na cidade de Curitiba, em 1957. Em 1960 os jesuítas de Teresina assumiram a direção do *Colégio São Francisco de Sales*, também conhecido como *Colégio Diocesano*, pois havia sido fundado pela Arquidiocese e funcionado, com algumas interrupções, desde 1906.

Além de atuar nos colégios clássicos, os jesuítas se dedicaram também a escolas técnicas. Em 1959 assumiram a direção da *Escola Técnica de Eletrônica*, em Santa Rita do Sapucaí (MG). Foi a primeira escola no gênero, de nível médio na América Latina, estabelecida por Dona Luzia Rennó Moreira, conhecida como Dona Sinhá. Em Teresina, no bairro Socopo, foi criada, em 1965 a *Escola Agrícola Santo Afonso Rodrigues*, atualmente transformada em colégio de Ensino Fundamental, Médio e de Cursos Técnicos. De 1980 a 2014 os jesuítas fundaram e dirigiram em Sede Capela, município de Itapiranga (SC), o *Colégio Técnico Agrícola São José* que sucedeu ao *Seminário Menor Três Santos Mártires*, no início, e posteriormente passou a ser o *Instituto de Assistência São Pedro Canísio* (IAESC).

Sistema educativo jesuítico

Em 2014 os 13 colégios, uma escola técnica e mais três centros materno-infantis, que totalizam 30 mil alunos dos jesuítas do Brasil na Educação Básica, passaram a constituir a *Rede Jesuíta de Educação*, que se criava com a tarefa principal de buscar e aplicar inovações educativas de modo a incrementar a dimensão da aprendizagem sobre o ensino, tornando o aluno o centro efetivo do processo escolar. A Rede se rege por um *Projeto Educativo Comum*, promulgado a 28 de março de 2016 pelo Provincial Jesuíta do Brasil. O documento procede de uma ampla e intensa troca de saberes entre mais de 2.000 profissionais das unidades envolvidas, que foram trabalhando durante dois anos através de estudo, seminários e reuniões presenciais e virtuais. Nesta elaboração os educadores levaram em conta os documentos educativos da Companhia de Jesus, notadamente *Características da Educação da Companhia de Jesus, Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática* e o *Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus para a América Latina* ²⁸. Foram consideradas também as apresentações e as conclusões dos recentes encontros educativos internacionais, o *Colóquio Internacional da Educação Secundária Jesuíta*, a primeira reunião que congregou em Boston 400 Diretores Gerais dos Colégios de toda a Ordem, de 29 de julho a 02 de agosto de 2012. E o SIPEI (*Seminário Internacional sobre Pedagogia e Espiritualidade Inacianas*), que teve lugar em Manresa (Espanha), de 02 a 08 de novembro de 2014, com 80 especialistas jesuítas, religiosos e leigos.

Todas as unidades educativas jesuítas do Brasil constituem-se, desde muitos anos, como entidades filantrópicas. Contudo, a alteração frequente na legislação da Educação e Assistência Social no Brasil tem dificultado a renovação do certificado de filantropia e estabelecido critérios mais restritivos quanto ao percentual e às condições para destinar os seus recursos. A maioria das unidades educativas jesuítas com Educação Básica pratica a filantropia na própria instituição e algumas beneficiam entidades pertencentes à mantenedora.

O apostolado educativo dos jesuítas desenvolve-se no Brasil também por meio da Educação Popular e do Ensino Superior. Na Educação Popular a atuação se dá em 31 centros socioeducativos da *Fundação Fé e Alegria*, entidade internacional criada em 1955, presente em 22 países, tendo se estabelecido no Brasil a 8 de maio de 1981. Atualmente está presente em bairros de muita vulnerabilidade social, econômica e cultural, distribuídos por 19 municípios de 14 Estados do país, atingindo cerca de 23 mil beneficiários crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

A Educação Popular participa também da *Rede Jesuíta de Educação* através de três Centros Infantis: a *Creche Caiçaras*, em Belo Horizonte,

²⁸ Os três documentos encontram-se reunidos numa única edição, em KLEIN, Luiz Fernando (org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*. S. Paulo: Loyola, 2015.

o *Centro Educacional Pe. Agostinho Castejón* (CEPAC), no Rio de Janeiro; a *Escola Materno-Infantil Pe. Pedro Arrupe*, em Teresina.

É importante salientar que o apostolado educativo dos jesuítas teve também, desde há muito tempo, cursos noturnos para jovens excluídos do sistema normal de ensino ou trabalhadores. Há menções a um curso noturno criado pelo *Colégio Anchieta* de Porto Alegre em 1911 e a aulas noturnas gratuitas para meninos pobres, ministradas em 1916 pela equipe do *Ginásio de São Luís Gonzaga*, de Pelotas. Em 1929, nas dependências do *Colégio São Luís*, em São Paulo, o Irmão e depois sacerdote jesuíta, Olavo Pereira, colocava em funcionamento uma escola noturna para os jovens carentes. Esta escola transformou-se em 1943 na *Escola Técnica de Comércio São Luís*, com a especialização em Contabilidade, e posteriormente, em 1951, na *Faculdade de Economia São Luís*, que funcionou por quase 60 anos.

A coeducação não era admitida nos colégios da Companhia de Jesus até os anos 60 do século XX. Em 1967 seis meninas começaram a fazer parte dos 700 alunos do *Colégio dos Jesuítas*, em Juiz de Fora, o pioneiro a aceitar-lhes a matrícula.

O Ensino Superior jesuítico no Brasil constitui uma rede de cinco instituições, todas criadas no século XX. Em 1941 o Cardeal Dom Sebastião Leme e o jesuíta Pe. Leonel Franca fundaram a *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (PUC). A *Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia* (FAJE), que hoje funciona em Belo Horizonte resulta da fusão de duas faculdades dos jesuítas para a formação dos seus quadros: a de Filosofia, fundada em 1941 em Nova Friburgo, e a de Teologia, criada oito anos mais tarde, em São Leopoldo. A *Universidade Católica de Pernambuco* (UNICAP) nasceu da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, tendo sido erigida em universidade em 1951. O *Centro Universitário FEI* foi constituído em São Paulo, em 1945, pelo jesuíta Pe. Roberto Saboia de Medeiros. A universidade jesuíta mais recente no Brasil é a *Universidade do Vale do Rio dos Sinos* (UNISINOS), criada em São Leopoldo (RS) dia 31 de julho de 1969. Documentos norteadores das universidades jesuíticas são *Desafios da América Latina e proposta educativa AUSJAL*, de 1995²⁹, e o *Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina*, de 2005.

Além de atuar nas instituições educativas mantidas pela Companhia de Jesus, os jesuítas no Brasil tiveram uma importante atuação na formação do clero, através de seminários próprios ou naqueles de diversas dioceses, como orientadores espirituais e de estudos, professores e em alguns poucos também como diretores. Os Seminários Menores da Ordem localizavam-se em três Estados da

²⁹ ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (AUSJAL), *Desafios da América Latina e proposta educativa AUSJAL*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 1995.

antiga Província do Brasil Meridional: no Rio Grande do Sul, em Pareci Novo e Salvador do Sul; em Santa Catarina, em Florianópolis, Major Gercino e Nova Trento, e no Paraná, em Ubatã. Para a formação dos seus Seminaristas Maiores os jesuítas tinham como próprias as Faculdades de Filosofia e Teologia Cristo Rei, embora aceitassem também alunos externos. As faculdades funcionaram em São Leopoldo de 1941 a 1979, quando foram transferidas para Belo Horizonte, com a denominação atual de *Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia* (FAJE), referida acima.

Nas instituições das dioceses a atuação educativa dos jesuítas brasileiros exerceu-se, inclusive com a direção e administração, em quatro Seminários Menores (em Bom Princípio, Estrela-Lageado, Gravataí e Santa Maria) e em dois Seminários Maiores: o *Seminário Central de São Leopoldo* e o *Seminário Maior de Viamão*, com a colaboração pontual de professores. De 1934 a 2014 a Companhia de Jesus do Brasil encarregou-se da direção e da orientação do *Colégio Pio Brasileiro*, criado em Roma pelos bispos brasileiros para os estudos de pós-graduação do clero diocesano.

Compromisso social

A partir dos anos 1970 quase todos os colégios jesuítas do Brasil passaram a sustentar um curso noturno gratuito nos mesmos espaços físicos e com os mesmos equipamentos dos cursos diurnos. Essa opção apostólica foi inspirada nas orientações sociais da 2ª. Conferência do Episcopado Latino-americano, realizada em agosto de 1968, em Medellín (Colômbia), e da 32ª. Congregação Geral dos Jesuítas, com o lema: 'serviço da fé e promoção da justiça'. Diversamente de algumas congregações religiosas do Brasil que nessa época preferiram substituir o seu apostolado em instituições educativas por morar e realizar a missão em bairros populares, os jesuítas decidiram manter os próprios colégios e exercer a opção pelos pobres a partir deles.

Sete colégios da *Rede Jesuíta de Educação*, mediante a aplicação de parte da filantropia exigida por lei, mantêm cursos noturnos para a inclusão acadêmica e social de cerca de 2.500 estudantes de baixa renda. Os diretores e educadores se encontram em eventos periódicos para intercâmbio e formação. São os Colégios Catarinense (Florianópolis), São Luís (São Paulo), dos Jesuítas (Juiz de Fora), Santo Inácio (Rio de Janeiro), Santo Inácio (Fortaleza), Antonio Vieira (Salvador, BA) e a Escola Técnica de Eletrônica (Santa Rita do Sapucaí, MG).

As mesmas fontes inspiradoras de Medellín e da 32ª. Congregação Geral levaram ainda os colégios jesuítas a implantarem um programa de formação dos alunos com ênfase na consciência e na prática social, mediante reflexões em aula, visitas a lugares carentes, apadrinhamentos, campanhas, estágios sociais nos feriados ou férias em regiões pobres do país. O programa desenvolvido no Colégio

Anchieta de Porto Alegre foi mal interpretado por famílias mais favorecidas social e economicamente que induziram o arcebispo local, em 1980, a denunciá-lo ao Vaticano, alegando infiltração marxista nos conteúdos e nas práticas pedagógicas.

O empenho pela justiça evangélica, a opção preferencial pelos pobres, o compromisso solidário, são temas sobre os quais educadores das instituições educativas jesuítas continuam refletindo, para descobrir as mediações pedagógicas mais eficazes. Constituem precioso alento para este trabalho, por exemplo, as exortações que deixaram em suas visitas às comunidades e obras no Brasil os Superiores Gerais, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, em 1992 ³⁰e 1998 e o Pe. Afonso Nicolás em 2014.

3ª.) A missão educativa nos dias de hoje.

Busca do referencial pedagógico

Ao reiniciar a sua missão educativa no Brasil, em 1845, os jesuítas pensaram, imediatamente, em recuperar a *Ratio Studiorum*, pela qual se pautaram ao longo de 160 anos, desde a sua promulgação até a supressão da Ordem. No entanto, como o ambiente cultural e político de meados do século XIX já não comportava um referencial educativo único, o governo central dos jesuítas estimulou-os a elaborarem definições regionais ³¹.

Ao longo do século XX os colégios jesuítas do Brasil foram desenvolvendo o seu trabalho apoiados no espírito da *Ratio Studiorum* e nos elementos pedagógicos aplicáveis no novo contexto cultural. O ensino primava pela definição das metas, das etapas e das estratégias didáticas. Observava o cuidado da pessoa e o desenvolvimento de todas as suas capacidades. Adaptava-se às circunstâncias de tempo, lugar e pessoa. Estimulava ao máximo o trabalho pessoal, profundo e sistematizado do aluno. Utilizava uma variedade de recursos didáticos como a preleção, a repetição, o diálogo, a competição, a emulação, entre outros.

Inovações pedagógicas

Em diversos colégios realizavam-se experiências de inovação pedagógica, mas infelizmente poucas foram sistematizadas e registradas. Na busca da fidelidade criativa no seu apostolado educativo, o Colégio São Luís, de São Paulo, começou a implantar, no início dos anos 60, no então Curso Colegial, hoje Ensino Médio, o sistema de *Classes Experimentais*. Estas apresentavam algumas

³⁰ VISITA do Padre Geral ao Brasil. Alocuções e homilias. S. Paulo, Ed. Loyola (Col. Ignatiana, 38), 1993.

³¹ KLEIN, Luiz Fernando, *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. Op. cit. Disponível em: <<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1580>> p. 40. Acesso em 01 maio 2016.

semelhanças com a organização que na mesma época introduzia a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo na sua rede oficial. Entretanto, o Colégio São Luís inspirava-se no enfoque de educação personalizada do pedagogo jesuíta francês, Pierre Faure, que tinha vindo algumas vezes a São Paulo apresentá-lo aos educadores a convite da AEC, *Associação de Educação Católica do Brasil* ³².

Pela metade do século XX foram se multiplicando nas diversas regiões de atuação da Companhia de Jesus iniciativas em busca de um novo referencial pedagógico. Para tanto, tratou-se de ajudar os educadores a aprofundarem a identidade e os princípios de uma educação marcada pela 'inacianidade' através dos *Colóquios sobre a missão de ensinar*. Esse programa foi criado pelos jesuítas dos Estados Unidos nos anos 70 e depois aplicado em muitos países. Era uma dinâmica na qual gestores e educadores, durante quatro dias, faziam a experiência da *escuta interior* para identificar e compartilhar memórias, depoimentos, sentimentos e expectativas quanto à sua vida e trabalho educativo. Depois de conhecer os Colóquios na rede de educação do Chile, em 1980, os jesuítas do Brasil constituíram equipes de facilitadores da experiência, da qual participaram com agrado, durante alguns anos, as comunidades educativas ³³.

Definição de novos rumos

No entanto, o que mais inspirou a renovação educativa jesuíta no Brasil foi, sem dúvida, a reunião que o então Superior Geral, Pe. Pedro Arrupe, convocou na Sede da Ordem, em Roma, em setembro de 1980, com um grupo de jesuítas, entre eles um brasileiro, encarregados da Educação Básica. O objetivo das reflexões era discernir sobre a conveniência ou não de manter o apostolado em colégios, tendo em conta os sinais dos tempos, as orientações educativas do Concílio Vaticano II e as diretrizes da 32ª. Congregação Geral.

Ao final desse encontro, dia 13 de setembro de 1980, o Pe. Arrupe dirigiu aos participantes a alocução *Nossos colégios hoje e amanhã*, que pode ser considerada como a refundação dos colégios jesuítas pelo ineditismo do seu posicionamento, pelo influxo apostólico que eles podem exercer nos tempos atuais, pelo enfoque ativo e personalizador de ensino e aprendizagem, pela concepção abrangente e integradora de comunidade educativa e pela marca de *inacianidade* a impregnar a obra e os processos educativos ³⁴.

³² KLEIN, Luiz Fernando, *Educação Personalizada. Desafios e perspectivas*. S. Paulo: Loyola, 1998: p. 107.

³³ BAKER, James, Ministerios de seculares e religiosos: hacia un plan de colaboración. In: *Educación Jesuita. Su inspiración: la espiritualidad ignaciana*. Roma, Centrum Ignatianum Spiritualitatis (CIS), 1980. p. 109-128.

³⁴ ARRUPE, Pedro, *Nossos colégios hoje e amanhã*. In: KLEIN, Luiz Fernando, *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*, Op. cit. p. 13-33.

O Encontro da Educação Básica sugeriu a criação de uma comissão internacional, com jesuítas, entre os quais brasileiros, e um secular provenientes dos cinco continentes, com a incumbência de elaborar as notas distintivas do apostolado educativo da Companhia. Após três reuniões e um intenso intercâmbio entre os educadores de todo o mundo, o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* foi promulgado pelo então Superior Geral, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, a 8 de dezembro de 1986. O documento lista 28 características que, à luz do carisma de Inácio de Loyola e da espiritualidade da Ordem, definem a atual pedagogia dos jesuítas ³⁵.

Traduzido em 13 idiomas, o documento *Características* suscitou tal interesse em todo o mundo que os educadores solicitaram ao Superior Geral um modo prático de aplicar conceitos pedagógicos tão inovadores e estimulantes. Para responder a esta demanda foi constituída outra comissão internacional que através de um processo de consultas e intercâmbio semelhante ao que tinha produzido a *Ratio Studiorum*, elaborou o documento *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática* ³⁶. Promulgou-o o Pe. Kolvenbach a 31 de julho de 1993, depois de um seminário preparatório em Villa Cavalletti no qual 40 educadores de todo o mundo puderam experimentar o *PPI* (Paradigma Pedagógico Inaciano) então proposto, com cinco elementos: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação ³⁷.

Os documentos corporativos *Características* e *Pedagogia Inaciana* vieram satisfazer o desejo que desde a restauração da Companhia de Jesus, em 1814, os educadores das instituições jesuíticas manifestavam quanto à definição da pedagogia e da didática no mundo de hoje. Por isso, os dois documentos receberam uma acolhida entusiasmada e esperançosa das comunidades educativas do Brasil, tendo sido ampla e intensamente estudados por diretores, educadores, funcionários, alunos e famílias. A publicação dos documentos educativos despertou a iniciativa de vários educadores dos colégios, jesuítas e seculares, a se dedicarem aos estudos de pós-graduação, escolhendo como tema de pesquisa aspectos referentes à Pedagogia Inaciana, e publicando trabalhos a respeito.

Sentindo-se seguros e inspirados com a proclamação atualizada da pedagogia inaciana, os educadores do Brasil dedicaram-se a desenvolver três linhas de trabalho: 1) Compreensão, apropriação e aplicação da identidade pedagógica inaciana, 2) Capacitação dos agentes educativos e 3) Coerência institucional.

³⁵ In: KLEIN, Luiz Fernando (org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*. Op. cit. p. 37-112.

³⁶ Id. Ibid. p. 163-247.

³⁷ A CPAL publicou, em 2002, pela Edições Loyola o CD *Educar para Transformar. Paradigma Pedagógico Inaciano*, cuja direção geral foi de Andrea Cecília Ramal e Martha Sutter.

Apropriação da identidade inaciana

No intento de aprofundar a identidade educativa, a então Província Jesuíta do Brasil Centro-Leste publicou no início dos anos 80 a *Carta de Princípios dos Colégios Jesuítas*³⁸. A mesma Província, através da ACOJE (*Associação dos Colégios Jesuítas*), promulgou em 1998 o *Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus*³⁹. A CPJB (*Conferência dos Provinciais Jesuítas do Brasil*) publicou na *Coleção Ignatiana*, da Edições Loyola de São Paulo, vários cadernos sobre Pedagogia Inaciana, com pronunciamentos e orientações dos Superiores Gerais, artigos e estudos de diversos autores.

Em 2005 a CPAL (*Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina*) sentiu necessidade de elaborar um 'cartão de visita' que expressasse a convergência na única missão por parte das três redes educativas na América Latina: a AUSJAL, associação das 31 universidades jesuítas; a FLACSI, federação dos 91 Colégios Jesuítas; e FÉ E ALEGRIA, a federação com 3.200 centros de educação formal, não formal e formação para o trabalho. A comissão, com representantes das três redes educativas, inspirou-se também no método participativo com que foi elaborada a *Ratio Studiorum*. Confeccionou o documento partindo antes do levantamento dos projetos educativos das instituições educativas no continente, o que gerou o texto *Hacia un proyecto educativo común*⁴⁰. A partir desta base, a comissão internacional elaborou o PEC⁴¹ com 11 linhas de ação para as três redes educativas, das quais o Brasil faz parte. Para estimular os educadores na compreensão e assimilação da proposta foi composto o livro *Proyecto Educativo Común (PEC) de la Compañía de Jesús en América Latina. Instrumentos para reflexión, orientación y evaluación en las instituciones educativas*, que contém o documento do PEC, um texto de aprofundamento sobre cada uma das 11 linhas de ação, um glossário e indicadores para avaliar a implementação nas diversas áreas.

A busca da excelência pedagógica levou os jesuítas do Brasil a criarem sucessivas instâncias nacionais e regionais de animação e assessoria: as Comissões Provinciais de Educação; a ACOJE (*Associação dos Colégios Jesuítas da Província do Brasil Centro-Leste*); a CONEJ

³⁸ PROVÍNCIA DO BRASIL CENTRO-LESTE, *Carta de Princípios dos Colégios Jesuítas*, S. Paulo: Loyola, 4. ed., 1994.

³⁹ ASSOCIAÇÃO DOS COLÉGIOS JESUÍTAS (ACOJE), *Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus*. S. Paulo: Loyola, 1998.

⁴⁰ RAMAL, Andrea Cecília Ramal. *Hacia un proyecto educativo común. Síntesis de los proyectos educativos de la Compañía de Jesús en América Latina*. Rio de Janeiro: CPAL, 2004.

⁴¹ CPAL (Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina), *Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina*, Rio de Janeiro, 2005.

(*Comissão Nacional de Educação Jesuíta*), com representantes de cada uma das quatro Províncias Jesuítas; o CONSEJ (*Conselho de Educação Jesuítica*), articulado com o GREPI (*Grupo de Reflexão Pedagógica Inaciana*), o SEJ (*Secretário Nacional de Educação Jesuíta*) e a ABCJ (*Associação Brasileira de Colégios Jesuítas*), constituída dos respectivos diretores, que funcionou de 2004 a 2011.

A instância de auxílio à educação básica que vigora atualmente no Brasil é a do Delegado de Educação Básica, *um auxiliar direto do Provincial, responsável pelo acompanhamento e pela gestão estratégica da educação básica da Companhia no país*. Cabe-lhe contribuir para assegurar a dimensão apostólica dos colégios jesuítas do Brasil e a sinergia da Rede Jesuíta de Educação, e estimular a implementação do Projeto Educativo Comum ⁴².

De acordo com a mística inaciana de busca do *magis* ⁴³, 29 centros socioeducativos da rede de educação popular *Fé e Alegria* começaram, a partir de novembro de 2014, a desenvolver o *Sistema de Melhora da Qualidade Educativa* (SMQE) ⁴⁴, oferecido pela Federação Internacional Fé e Alegria. De modo semelhante seis colégios da *Rede Jesuíta de Educação* participam do *Sistema de Qualidade na Gestão Escolar*, proporcionado pela FLACSI. Em que pese a sua especificidade, ambos sistemas são ferramentas que visam desencadear nas unidades educativas um processo contínuo de autoavaliação, planejamento e acompanhamento dos processos escolares para assegurar a qualidade da aprendizagem dos alunos.

Capacitação dos educadores

Graças a essas instâncias administrativas, os colégios jesuítas puderam manter a sua coesão, de modo especial através de vários encontros de formação e intercâmbio entre homólogos que foram se organizando periodicamente, ora de diretores, ora de educadores, de administrativos e outros segmentos. A sinergia entre os colégios foi experimentada também, fortemente, nos cinco congressos pedagógicos promovidos em âmbito nacional para a capacitação dos seus educadores. Os três primeiros eventos foram organizados pelo GREPI, os dois últimos pelos colégios que celebravam o seu centenário.

A série dos congressos, todos com a participação de mais de 300 educadores dos colégios e universidades jesuítas do Brasil, teve início em Itaiaci (Indaiatuba-S.P.), de 16 a 20 de julho de 1990, quando tratou de aprofundar as nove seções do documento *Características da*

⁴² ESTATUTO da Província dos Jesuítas do Brasil, Rio de Janeiro, [s.n.], [2014].

⁴³ *Magis* é um conceito fundamental na espiritualidade inaciana e na pedagogia dos jesuítas. Trata-se de, como contrapartida ao amor de Deus, buscar realizar qualquer atividade da vida com generosidade e qualidade.

⁴⁴ EL SISTEMA de mejora de la calidad en Fe y Alegría. [S.I.], 2009.

Educação, promulgado poucos anos antes ⁴⁵. O segundo congresso deu-se de 18 a 21 de julho de 1997, também em Itaici, que trabalhou o tema *A Pedagogia Inaciana rumo ao século XXI* ⁴⁶. Em julho 2002 ocorreu o terceiro congresso, novamente em Itaici, com o tema *Educação e mudança social por uma pedagogia da esperança* ⁴⁷. O quarto foi em Florianópolis, de 26 a 29 de julho de 2005, organizado pelo Colégio Catarinense, sob o título *Pedagogia Inaciana e os novos sujeitos históricos* ⁴⁸. O último congresso aconteceu em Salvador, em 2011, organizado pelo Colégio Antonio Vieira, com o tema *Educação Inaciana, Ética e Diálogo com as culturas* ⁴⁹. As apresentações e intervenções feitas nos cinco congressos estão publicadas, constituindo-se num precioso material de estudo e pesquisa.

Prosseguindo os seus esforços em busca do *magis* no trabalho educativo, no final do século XX os jesuítas criaram dois centros de reflexão e ação pedagógica. No Rio de Janeiro constituiu-se o CPPA (*Centro Pedagógico Pedro Arrupe*), em março de 1989, para apoiar e assessorar os sete colégios jesuítas da então Província do Brasil Centro-Leste, situados nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Este Centro funcionou até perto de completar 25 anos, tendo-se destacado em sua programação o diagnóstico e a elaboração do *Plano de Otimização* da rede; os cursos de educação, presenciais e à distância, tendo sido estes em parceria com a PUC do Rio de Janeiro; as jornadas de introdução à Pedagogia Inaciana e a implantação do modelo pedagógico *Educação Personalizada e Comunitária*.

O CEAP (*Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica*), fundado em 1993, em Salvador (BA), oferece programas de formação de educadores, de jovens, assessoria a instituições, privilegiando o enfoque da educação popular, e duas publicações, a revista *Presente* e o *Caderno Temático*, para divulgar projetos inovadores.

Em 1993 os colégios jesuítas da Província do Brasil Centro-Leste deram início no Ensino Fundamental I ao modelo de Educação Personalizada e Comunitária do jesuíta Pierre Faure. Para tanto, o CPPA proporcionou aos colégios uma experiência comunitária de preparação para a inovação. Textos de estudo foram traduzidos e intercambiados

⁴⁵ 1º. CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO, S. Paulo: Loyola, 1991 (Col. Documenta SJ - 9).

⁴⁶ A PEDAGOGIA INACIANA RUMO AO SÉCULO XXI. 2º Congresso Inaciano de Educação, São Paulo: Loyola, 1998, (Col. Documenta, 14).

⁴⁷ OSOWSKI, Cecília Irene (org.), *Educação e mudança social por uma pedagogia da esperança. III Congresso Inaciano de Educação*. S. Paulo: Loyola, 2002.

⁴⁸ SERAFIN, Vitorino (org.). *Pedagogia Inaciana e os novos sujeitos históricos. IV Congresso Inaciano de Educação (26 a 29 de julho de 2005)*. Florianópolis: Ed. Catarinense, 2006.

⁴⁹ RAMIRO, João (org.), *Educação Inaciana, Ética e Diálogo com as culturas. 5º Congresso Inaciano de Educação*. S. Paulo: Loyola, 2011.

entre as unidades escolares, que partilhavam e produziam os roteiros didáticos. Seminários para a fundamentação teórica e o tirocínio prático realizaram-se em São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro com especialistas do Chile e do México. Um grupo de educadores dos colégios participantes fez um estágio de formação de um mês no *Instituto América de Normal Superior*, em León (Estado de Guanajuato-México), orientados pela Profa. María Concepción Flores e sua equipe.

Coerência institucional

Além da apropriação da identidade pedagógica e da capacitação dos agentes educativos, os colégios jesuítas do Brasil têm se empenhado em assegurar a coerência institucional com os princípios e orientações dos documentos educativos corporativos. Por conseguinte, é recorrente no planejamento, na execução e na avaliação dos planos acadêmicos a preocupação com os pobres, pelo serviço da fé e a promoção da justiça, a formação de homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos.

Esse espírito foi o que levou o Colégio São Luís, de São Paulo, a admitir em seu corpo discente, a 8 de maio de 1992, a pequena Sheila Cortopassi de Oliveira, de 6 anos de idade, depois de ter sido excluída do Centro Infantil onde estudava, porque era portadora do vírus da Aids. O assunto ganhou imediata repercussão nacional e a mobilização de entidades defensoras dos direitos humanos. Indignada com a rejeição imposta à criança, a direção do Colégio São Luís apressou-se em oferecer-lhe vaga e bolsa de estudos. A decisão foi recebida com apreensão por alguns segmentos conservadores da cidade, mas recebeu o aplauso e o encorajamento do então Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, dos meios de comunicação, assim como a acolhida da comunidade educativa, incluindo os alunos da pré-escola, que receberam com orgulho e generosidade a decisão e a chegada de Sheila⁵⁰. O livro *Escola e Aids. Educação ou Rejeição*⁵¹, escrito pelo Pe. Pedro Américo Maia registra a memória e documentos deste evento. Em 2013 o jornalista Jaime Morales, que havia sido colega de Sheila no pré-escolar, produziu o vídeo *Para toda a vida*, onde fez questão de recordar a experiência vivida⁵².

No *Plano Apostólico* da nova e única Província dos Jesuítas do Brasil, instituída dia 16 de novembro de 2014, a educação figura na segunda prioridade apostólica, que trata das juventudes. As orientações referem-se a: avaliação das instituições cuja atividade-fim é o serviço às juventudes; acolhida dos jovens e presença entre eles;

⁵⁰ Sheila frequentou o Pré-Escolar do Colégio São Luís no 2º. semestre de 1992, tendo falecido no primeiro dia do ano escolar subsequente, dia 8 de fevereiro de 1993.

⁵¹ MAIA, Pedro Américo. *Escola e Aids. Rejeição ou educação*. S. Paulo: Loyola, 1992.

⁵² MORALES, Jaime. *Para toda a vida*, 2013: In Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OrJdRfXuhzE>> Acesso em 01 maio 2016.

aprofundamento teórico sobre as características das diversas juventudes e aprendizagem das suas linguagens; oferta de formação teórica e prática para lideranças juvenis; participação e colaboração em redes e na definição de políticas públicas que afetam a juventude.

Acervo bibliográfico

É volumoso o acervo sobre a pedagogia jesuítica, mais reconhecida ultimamente como Pedagogia Inaciana. O *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*⁵³, mantido pela CPAL (Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina) registra hoje cerca de 900 títulos, entre artigos, documentos, conferências, teses e dissertações de pós graduação.

Em 1997 a UNISINOS (*Universidade do Vale do Rio dos Sinos*) publicou as apresentações e debates do Seminário Internacional sobre *Visão Inaciana da Educação: desafios hoje*, promovido naquele ano⁵⁴. Em 1999 o GREPI organizou a publicação de *Provocações da Sala de Aula*⁵⁵, com textos elaborados pelos seus integrantes. Em lugar de realizar um único lançamento do livro, este se deu em diversos colégios jesuítas do Brasil, com a participação dos educadores, famílias dos alunos e demais interessados. A iniciativa constituiu-se numa oportunidade para divulgar a pedagogia inaciana nas comunidades educativas.

Considerações finais

A trajetória que os jesuítas vêm percorrendo no campo da educação no Brasil, nos 210 anos antes de terem sido expulsos e nos 174 anos a partir do seu retorno, manifesta alguns elementos recorrentes.

Inicialmente, chamam a atenção a criatividade e a ousadia no campo educativo. É forçoso recordar que os primeiros educadores começaram a trabalhar no Brasil sem um modelo pedagógico com o qual tivessem experimentado algum contato prévio. Os jesuítas provinham de Portugal, numa época onde os índices de analfabetismo eram expressivos e atingiam os estratos mais altos da sociedade. Ensinar a ler, a escrever e a contar ocorria nos mosteiros ou junto às catedrais. No séc. XVI, como em outros países da Europa, apenas se esboçava o desenho de uma educação escolarizada. A difusão da cultura letrada era pensada não para todos, nem para os pobres, mas para os filhos das elites, para os nobres, para os candidatos ao sacerdócio. Pensar, portanto, numa educação popular, dirigida, indiscriminada e conjuntamente para filhos de indígenas, de mestiços e

⁵³ CENTRO VIRTUAL DE PEDAGOGÍA IGNACIANA <www.pedagogiaignaciana.com>.

⁵⁴ OSOWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia Bergamo (Orgs.), *Visão Inaciana da Educação: desafios hoje*. S. Leopoldo: UNISINOS, 1997.

⁵⁵ OSOWSKI, Cecília Irene (Org.), *Provocações da Sala de Aula*. S. Paulo: Loyola, 1999.

de colonos portugueses era uma empreitada inovadora e atrevida dos jesuítas.

A mesma ousadia e criatividade dos jesuítas antepassados manifestaram os que lhes sucederam ao retomar o apostolado educativo no Brasil, na cidade de Desterro, em 1845; os que participaram da 'inacianização' das instituições educativas a partir da conclamação do Pe. Pedro Arrupe em 1980, e os jesuítas que buscam redefinir a sua missão nos tempos atuais.

É notória a preocupação que os jesuítas sempre mantiveram, nas diversas etapas de sua trajetória, em cumprir a dupla dimensão da missão que lhes fora confiada: evangelização e educação. A Companhia entende a educação como uma contribuição a oferecer à sociedade, desde que impregnada de profissionalismo, de rigor e de qualidade. Ao mesmo tempo, os jesuítas entendem que o 'diferencial' ou o 'valor agregado' da sua atuação educativa são a proclamação e o testemunho da mensagem do Evangelho, que por ser promotora dos valores humanos, merece ser conhecida, acolhida e posta em prática como ideal e projeto de vida.

Traço recorrente na trajetória jesuíta é também o cuidado com o contexto, a sua história, situação da pessoa, de toda pessoa, a começar da mais necessitada e desconsiderada. Desde os inícios da Ordem, por força da experiência dos Exercícios Espirituais, o processo educativo adotado é personalizador. Leva a sério a pessoa do aluno, acredita nas suas potencialidades, vislumbra o desenvolvimento que pode atingir e, por isso, adapta-lhe o currículo e as diversas condições de aprendizagem.

Finalmente, em todas as etapas do itinerário pedagógico jesuíta salta aos olhos a dimensão comunitária, de coesão e de sinergia da sua missão, como se depreende dos vários procedimentos de informação, de partilha, de intercâmbio, de consultas, de registro e sistematização. O processo participativo da elaboração da *Ratio Studiorum* influenciou os jesuítas na sua estreia educacional no Brasil, pois, não obstante as dificuldades de transporte e perigos de todo o tipo, iam socializando suas estratégias pedagógicas de uma capitania para a outra.

Nas entrelinhas dos vários momentos da trajetória da educação jesuítica no Brasil pode-se perceber a seiva propulsora, haurida na experiência dos Exercícios Espirituais e na mística inaciana.

Obras consultadas

1. 1º. CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO. S. Paulo: Loyola, 1991.
2. A PEDAGOGIA INACIANA RUMO AO SÉCULO XXI: 2º Congresso Inaciano de Educação. S. Paulo: Loyola, 1998. (Col. Documenta, 14).
3. ASSOCIAÇÃO DOS COLÉGIOS JESUÍTAS (ACOJE), *Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus*. S. Paulo: Loyola, 1998.

4. AZEVEDO, Fernando de, *A Cultura Brasileira*. S. Paulo: Melhoramentos, 3. ed., Tomo II, 1958.
5. CABRAL, Luiz Gonzaga, *Jesuítas no Brasil (Século XVI)*. S. Paulo: Companhia Melhoramentos, 1925.
6. CPAL (Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina), *Educar para Transformar. Paradigma Pedagógico Inaciano*, CD-ROM, S. Paulo: Loyola, 2002.
7. CPAL (Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina), *Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina*, Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.
8. CPAL (Conferencia de Provinciales Jesuitas de América Latina), *Proyecto Educativo Común (PEC) de la Compañía de Jesús en América Latina: Instrumentos para reflexión, orientación y evaluación en las instituciones educativas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006.
9. DEL PRIORE, Mary (Org.), *História das crianças no Brasil*. S. Paulo: Contexto, 2007.
10. ECHANIZ, Ignacio, *Paixão e Glória. História da Companhia de Jesus em corpo e alma*. S. Paulo: Loyola, Tomo I Primavera (1529-1581), 2006.
11. ESTATUTO da Província dos Jesuítas do Brasil, Rio de Janeiro, [s.n.], [2014].
12. FERNANDES, Francisco Assis Martins, *Comunicação na Pedagogia dos Jesuítas na era colonial*. S. Paulo: Loyola, 1980.
13. FERREIRA, Jr., Amarílio (Org.), *Educação Jesuíta no mundo colonial ibérico (1549-1768)*. *Em aberto*, Brasília, v.21, n.78, 2007. p. 1-172.
14. GREVE, Aristides, *Subsídios para a história da restauração da Companhia de Jesus no Brasil*. S. Paulo, [s.n.], 1942.
15. KLEIN, Luiz Fernando. *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana. Disponível em <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1580>. Acesso em 01 maio 2016.
16. KLEIN, Luiz Fernando (Org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*. S. Paulo: Loyola, 2015.
17. KLEIN, Luiz Fernando, *Educação Personalizada. Desafios e perspectivas*. S. Paulo: Loyola, 1998.
18. LEITE, Serafim, *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1750)*. Braga: A.I., 1993.
19. LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. S. Paulo: Loyola, 2004.
20. MAC DOWELL, João Augusto A.A., *Companhia de Jesus. 450 anos a serviço do povo brasileiro*. In: BRESCIANI, Carlos (org.): *Companhia de Jesus. 450 anos a serviço do povo brasileiro*. S. Paulo: Loyola, 1999. p. 219-239.
21. MADUREIRA, José de, *A liberdade dos índios. A Companhia de Jesus, sua pedagogia e seus resultados*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2º. vol., 1929.

22. MAIA, Pedro Américo. *Escola e AIDS. Rejeição ou Educação*. S. Paulo: Loyola, 1992.
23. MARCÍLIO, Maria Luiza, *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. S. Paulo: Imprensa Oficial, 2014.
24. MATTOS, Luiz Alves de, *Primórdios da educação no Brasil: O período heroico (1549 a 1570)*. Rio de Janeiro: Aurora, 1958.
25. MONDONI, Danilo, *Os expulsos voltaram*. S. Paulo: Loyola, 2015.
26. MORALES, Jaime. *Para toda a vida*. In: Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OrJdRfXuhzE>. Acesso em 26 abr. 2016.
27. MOURA, Láercio Dias de. *A educação católica no Brasil: Passado, presente e futuro*. Brasília: ANAMEC; S. Paulo: Loyola, 2000.
28. NISKIER, Arnaldo, *Educação Brasileira. 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.
29. OSOWSKI, Cecília (Org.), *Educação e mudança social. Por uma pedagogia da esperança: III Congresso Inaciano de Educação*. S. Paulo: Loyola, 2002.
30. OSOWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia Bergamo (Orgs.), *Visão Inaciana da Educação: desafios hoje*. S. Leopoldo: UNISINOS, 1997.
31. PACHECO, Paulo Roberto de Andrada (2007). *Aspectos da Pedagogia dos missionários jesuítas no Brasil Colonial*. In: BINGEMER, Maria Clara Luchetti et alii (org.): *A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos*. Anais do Seminário Internacional. S. Paulo: Loyola, Vol. II, 2007. p. 313-342.
32. PROVÍNCIA DO BRASIL CENTRO-LESTE, *Carta de Princípios dos Colégios Jesuítas*, S. Paulo: Loyola, 4. ed., 1994.
33. RAMAL, Andrea Cecília. *Hacia un proyecto educativo común: Síntesis de los proyectos educativos de la Compañía de Jesús en América Latina*. Rio de Janeiro: CPAL: [s.n.], 2004.
34. RAMIRO, João (Org.), *Educação Inaciana, Ética e Diálogo com as culturas: 5º. Congresso Inaciano de Educação*. S. Paulo: Loyola, 2011.
35. RIBEIRO, Maria Luisa Santos, *História da Educação Brasileira. A organização escolar*. Campinas: Autores Associados, 1993.
36. SANTOS, César Augusto dos, *O Colégio de Piratininga: A influência da espiritualidade inaciana na fundação da cidade de São Paulo*. S. Paulo: Loyola, 2007.
37. SERAFIN, Vitorino (org.). *Pedagogia Inaciana e os novos sujeitos históricos. IV Congresso Inaciano de Educação (26 a 29 de julho de 2005)*. Florianópolis: Ed. Catarinense, 2006.
38. TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de (Org.). *Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012, 5 v.
39. VIOTTI, Hélio Abranches, *O anel e a pedra*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.
40. VISITA do Padre Geral ao Brasil. Alocuções e homilias. S. Paulo: Loyola (Col. Ignatiana, 38), 1993.